

## A EDUCAÇÃO EMOCIONAL E O PREPARO DO PROFISSIONAL DOCENTE

Antonio Carlos Ribeiro da Silva  
UFBA/UEFS/FVC  
[profacr@hotmail.com](mailto:profacr@hotmail.com)

Gidelia Alencar da Silva(FCS)  
[gidelia@yahoo.com.br](mailto:gidelia@yahoo.com.br)

### Resumo

Nesta comunicação relatam-se os resultados de um estudo realizado no âmbito de uma escola pública do ensino médio no Brasil que envolveu o tema de Educação Emocional dos professores, com o objetivo de estimular reflexões quanto à importância do profissional de educação para o desenvolvimento de seu preparo emocional tornando-se assim, capaz de gerenciar suas emoções e as emoções de seus alunos, estimulando uma prática relacional de bem-estar e confiança entre si próprio e seus educandos. No universo pesquisado, foram escolhidos os docentes da escola pública, onde foram aplicados questionários para coleta de dados que serviram de eixos norteadores da pesquisa, abrindo a oportunidade para discussão e reflexão da prática docente no âmbito das emoções, temática tão necessária na sociedade contemporânea. Acredita-se que com base nas referências teóricas analisadas, e a partir das evidências empíricas, esta pesquisa venha a contribuir para a discussão sobre a importância do desenvolvimento da competência emocional do educador.

### INTRODUÇÃO

O mundo hoje não é mais previsível. Os condicionamentos sociais aos quais a humanidade foi submetida neste início de século, onde fatores como a competitividade, o consumismo, a avalanche de estímulos oferecidos pelos meios de comunicação, a família dividida, a ausência de uma escala de valores, o trabalho fora de casa de ambos os pais, dentre outros, trazem como consequência pessoas emocionalmente desequilibradas, com uma carga emocional muito mais negativa, gerada pelo medo do fracasso, pela solidão, decepção, tristeza e raiva. Diante desta realidade, é pouco provável que o professor encontre indivíduos que possuam um equilíbrio emocional adequado, o que reforça a necessidade de, enquanto profissional da educação, desenvolver nos seus alunos a capacidade de controle emocional. Crianças, adolescentes e adultos chegam à escola com carências emocionais e sociais, o que constitui um grande desafio para o professor: ensinar aos alunos as regras básicas que regem as emoções, mas acima de tudo ele mesmo - o professor - necessita de um preparo emocional, adquirindo a competência de gerenciar suas próprias emoções. Só então, será também capaz de desenvolver o despertar emocional de seus alunos.

Diante desta realidade, onde “Muitas crianças – em maior ou menor grau – chegam à escola com carências emocionais e sociais. A pergunta que se põe é: podem os professores ensinar aos

alunos as regras básicas que regem as emoções?” (Mártin, 2002, p. 175). Este questionamento faz emergir um outro, trazido à tona por Laborit *apud* Fazenda (1997, p. 36): “Será que a educação no educador não se deve fazer mais pelo conhecimento de si próprio do que pelo conhecimento da disciplina que ensina?”

A necessidade de relacionar-se com o seu semelhante e adaptar-se ao meio ambiente onde está inserido, constituem-se como fatores primários para o desenvolvimento humano como um todo. O ambiente escolar é uma experiência de vida tanto para alunos quanto para professores e nele reflete o relacionamento social e emocional que influenciam a formação do ser humano tanto enquanto pessoas quanto profissionais. As emoções constituem assim a fonte mais poderosa de orientação, autenticidade e energia humanas e, se bem direcionadas, podem oferecer sabedoria intuitiva, por isso proporcionam uma informação vital e potencialmente proveitosa no dia-a-dia das pessoas.

Nesse contexto, levar em conta a importância do desenvolvimento da competência emocional do professor, considerando as frustrações, problemáticas e vicissitudes que lhe são peculiares no exercício de sua profissão é uma necessidade emergente.

O presente trabalho visa, através de um estudo de caso, identificar a realidade existente no âmbito da escola da rede pública de ensino, mais especificamente no Colégio Estadual Raymundo de Almeida Gouveia, no que se refere ao preparo emocional dos docentes e conseqüentemente dos discentes deste estabelecimento escolar, procurando perceber possíveis carências emocionais de ambas as partes, em especial dos docentes, enquanto responsáveis por desenvolver a competência emocional de seus alunos – uma necessidade emergente no atual contexto social.

Diante do exposto, questiona-se: Como pode o educador da escola pública desenvolver a competência emocional de seus alunos, quando ele mesmo, muitas vezes não a possui?

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a importância do desenvolvimento da competência emocional do professor da escola da rede pública de ensino e proposta apresentada por este trabalho é o resultado de uma pesquisa junto aos docentes, na qual expressaram suas opiniões relevantes para o embasamento do tema. A pesquisa realizada configurou-se mediante o levantamento bibliográfico e um estudo de caso.

O instrumento utilizado para o estudo de caso foi questionário aplicado aos docentes do Colégio Estadual Raymundo de Almeida Gouveia em Salvador Bahia, neste instrumento de trabalho por ser o mais adequado para este tipo de estudo, já que a população estudada possui características peculiares ao exercício de sua função dentro da realidade percebida.

Foram distribuídos 21 questionários aos docentes, composto de 21 questões, oscilando em questões objetivas e questões abertas que foram respondidas e devolvidas, sendo tabuladas, para

nortear o desenvolvimento da pesquisa, total este que representa o espaço amostral. A pesquisa bibliográfica compreendeu a consulta de livros, artigos de revistas e artigos da internet.

## **A INTELIGÊNCIA E AS EMOÇÕES**

### **Por uma concepção da inteligência**

A contextualização social do indivíduo, que envolve os aspectos temporais e culturais de cada sociedade, é um fator que merece atenção especial quando se trata de criar uma definição para o que vem a ser inteligência. Gardner (2000) pressupõe que a definição de inteligência depende da época, lugar e cultura em que ela evolui, o que implica a capacidade e a maneira de se resolver problemas através de meios adequados ao ambiente ou comunidade cultural em que estão inseridos.

Há cerca de 100 anos, a avaliação da inteligência vem sendo feita através dos testes de Q.I. – Coeficiente de Inteligência - com a finalidade de “medir” o progresso dos alunos e perceber suas aptidões intelectuais. Este conceito unilateral de inteligência abstracto-acadêmica que Alfred Binet criou e que permaneceu entranhada em muitas mentes consolidou-se por muito tempo como o único e eficiente coeficiente de medição de inteligência capaz de garantir prosperidade, prestígio e felicidade na vida privilegiando a aptidão no nível acadêmico nos aspectos da lógica matemática e da leitura. Desta forma acreditava-se que a inteligência poderia ser medida através da aplicação de uma bateria de testes que avaliam habilidades das respostas dadas pelo indivíduo, divididas pela idade cronológica e comparadas aos coeficientes de uma tabela padrão, chegando-se assim, a uma avaliação de sua inteligência cognitiva.

O psicólogo americano Howard Gardner comprovou a multiplicidade das inteligências que pode ser constatada pela observação da mente humana, ao acompanhar o desempenho profissional de alunos considerados relativamente fracos no rendimento escolar, surpreendendo-se com o sucesso atingido por muitos. Assim, questionando os critérios de avaliação acadêmica, formulados pelo Q.I., deduziu que as práticas escolares privilegiavam a capacidade verbal e a lógica matemática dentro da concepção vigente de inteligência. Desenvolveu então a teoria das múltiplas inteligências, identificando-as originalmente em sete modalidades: lógico-matemática, verbal, espacial, interpessoal, intrapessoal, artístico-musical, corporal e, mais tarde, a inteligência naturalista. Diante desta complexidade de potencialidades do ser humano, ficou comprovada a impossibilidade de medição das inteligências por um teste único, como afirma Golleman (1995, p. 57): “Ao contrário dos famosos testes de Q.I., não há ainda nenhum ‘formulário-a ser-preenchido’ que ateste ‘uma contagem de inteligência emocional’, e talvez nunca venha a existir.”

## **Da Inteligência a Inteligência Emocional**

Ao contrário do que muitos pensam, a investigação sobre as emoções não é algo tão recente. Inicialmente, sendo estudadas sob a nomenclatura de paixões, filósofos ousaram e insistiram em conhecê-las de forma minuciosa, como afirma Accioly (1996, p. 26): “No passado, não foi possível estudar emoções, sob este nome, porque isto constituía uma heresia, significava a rejeição da alma. Os que tiveram a coragem de estudá-las usaram a palavra Paixão, sediada na alma, especialmente os filósofos.”

Com o nascimento da psicologia como ciência, na segunda metade do século XIX, estes estudos foram relegados a um papel secundário, pois os psicólogos priorizaram o estudo do comportamento, que poderia ser observado, medido e classificado externamente.

Em 1967, um médico baiano, especialista em clínica médica, Dr. Jessé Accioly, realizou uma estatística em seu consultório e percebeu que 80% de seus pacientes tinham diagnóstico de Neurose, Depressão ou Distúrbios Psicossomáticos, fato que o levou à especialização em Psiquiatria, iniciando em 1975 os estudos em Análise Transacional – sistema que valoriza o estudo das emoções - tomando consciência de que toda a humanidade em todos os tempos sofre efeitos e conseqüências das emoções. Accioly (1996, p. 12) assim comenta:

A partir de 1975 dei prioridade ao estudo e reflexão sobre Emoções, lendo desde os trabalhos pioneiros, até o possível dos atuais. Tomei consciência de que o cliente só muda, quando adquire a compreensão de suas emoções, motivações dos fatores que as determinam, e como foram adquiridas.

Todavia, somente a partir de 1995, mais precisamente no livro “Inteligência Emocional” do psicólogo americano Daniel Goleman esta dimensão da inteligência tem sido popularmente divulgada tanto na literatura científica quanto na literatura popular.

Segundo Goleman (1995), a definição de emoção é ainda passiva de muitas descobertas e desafios, visto a variedade de conotações que a ela compete, e isto é motivo de discussões entre psicólogos e filósofos há mais de um século. Em seu livro “Inteligência Emocional” Goleman dá uma definição no sentido literal e arrisca seu entendimento próprio quando afirma:

Em seu sentido mais literal, o *Oxford English Dictionary* define *emoção* como ‘qualquer agitação ou perturbação da mente, sentimento, paixão: qualquer estado mental veemente ou excitado’. Eu entendo que *emoção* se refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos, e a uma gama de tendências para agir. Há centenas de emoções, juntamente com suas combinações, variações, mutações e matizes. Na verdade, existem mais sutilezas de emoções do que as palavras que temos para defini-las (Goleman, 1995, p. 303).

Na visão de Cury (2001, p. 34), “A emoção é um campo de energia em contínuo estado de transformação. Produzimos centenas de emoções diárias. Elas se organizam, se desorganizam e se reorganizam num processo contínuo e inevitável.” É essa alternância das emoções que leva os seres humanos a constantes mudanças de humores e à uma necessidade de desenvolver capacidades de autocontrole emocional.

Diante da diversidade de nomenclaturas estabelecidas aos tipos de emoções, os pesquisadores procuram classificá-las em grupos, famílias ou dimensões que possuem um núcleo central básico que se torna o eixo de partida para as incontáveis mutações provocadas pelas influências externas.

Para Golleman (1995), as emoções perfazem um conjunto de intermináveis matizes de nossa vida emocional, tendo no centro um núcleo emocional básico de onde partem as incontáveis mutações resultantes de três disposições emocionais do ser humano: os estados de espírito, que têm uma maior durabilidade, como por exemplo o humor irritável que gera a ira; os temperamentos, ou seja, a disposição para evocar uma determinada emoção ou estado de espírito que torna as pessoas melancólicas, tímidas ou alegres; e ainda os distúrbios das emoções como a depressão clínica ou ansiedade constante, perpetuando no indivíduo um estado patológico. Assim, apesar das divergências, pesquisadores como Paul Eckman e Daniel Golleman enumeram algumas emoções consideradas como básicas e geradoras de outras inúmeras:

A ira, que gera a fúria, a revolta, ressentimento, raiva, exasperação, indignação, vexame, animosidade, aborrecimento, irritabilidade, hostilidade e em caso extremo, ódio e violência patológicos.

A tristeza, geradora do sofrimento, mágoa, desânimo, melancolia, desalento, autopiedade, solidão, desamparo, desespero e, quando patológica, depressão.

O Medo, que causa a ansiedade, a apreensão, nervosismo, preocupação, consternação, cautela, inquietação, pavor, susto, terror e como psicopatologia, fobia e pânico.

O prazer, que gera a felicidade, a alegria, alívio, contentamento, deleite, diversão, orgulho, prazer sensual, gratificação, satisfação, bom humor, euforia êxtase e, no extremo, mania.

O amor, que gera aceitação, confiança, amizade, afinidade, dedicação, adoração, paixão.

A surpresa, que ocasiona o choque, o espanto, pasmo.

O nojo, gerador do desprezo, do desdém, antipatia, repugnância, aversão, repulsa.

A vergonha, que ocasiona a culpa, o vexame, mágoa, remorso, humilhação, arrependimento.

Antonio Pedreira (1998) cita a existência de apenas cinco emoções básicas: o medo, a raiva, a tristeza, a alegria e o afeto as quais manifestam-se independentemente e são responsáveis por

gerar novas facetas emocionais. Uma emoção ocorre a partir de um estímulo que causa a detonação da carga emocional no tronco encefálico, passando por três processos distintos: o sentir, – processo intrapsíquico - o expressar, - tradução da emoção por palavras, que é um processo verbal - e o atuar – traduz-se pela expressão corporal das emoções sentidas e verbalizadas.

É importante frisar, porém, que a manifestação das emoções está diretamente relacionada à cultura e costumes da sociedade e de cada grupo social: “Que emoções se podem mostrar e quais não se podem, é coisa que depende dos modelos sociais, definidos de formas diferentes, não só nas diferentes culturas, como também nos pequenos grupos sociais”. (Mártin, 2002, p. 89).

As emoções estão diretamente ligadas aos movimentos cerebrais, já que são coordenadas pelo cérebro. Portanto faz-se necessária uma melhor compreensão das estruturas cerebrais envolvidas neste processo mental. O cérebro humano possui três zonas situadas umas sobre as outras: o bulbo raquidiano, o sistema límbico e o neocórtex, ou córtex cerebral, que perfazem a trindade do cérebro propagada pelo neurólogo Paul Mclean que defende sua total interação. As emoções se originam no sistema límbico e são trabalhadas pelo cérebro da seguinte maneira: no momento em que surgem os sinais emocionais, um centro no cérebro límbico proclama uma emergência, recrutando o resto do cérebro para uma decisão imediata, que no primeiro instante é tomada pela amígdala cortical – “um feixe, em forma de amêndoa, de estruturas interligadas, situado acima do tronco cerebral, perto da parte inferior do anel límbico” (Golleman, 1995, p. 28) – A amígdala é a grande responsável pelas questões emocionais, inclusive pelas lágrimas, um sinal emocional exclusivo dos seres humanos.

Portanto a amígdala é responsável pelas reações imediatas, pois em metade do tempo que o sinal nervoso levaria do sensorio ao córtex cerebral, a amígdala cortical já detona uma resposta, o que explica o arrependimento que ocorre muitas vezes depois de determinadas ações do ser humano. A aptidão emocional influi em todos os aspectos básicos da vida. Segundo Golleman (1995, p. 70): “Não se trata de evitarmos os sentimentos desagradáveis, para que fiquemos satisfeitos, mas antes, de não permitir que sentimentos tempestuosos nos arrebatem, atrapalhando o nosso bem-estar.” Assim, “a inteligência emocional abarca qualidades como a compreensão das próprias emoções e a capacidade de nos pormos no lugar de outras pessoas e a capacidade de controlarmos as emoções de forma a melhorar a qualidade de vida.” (MÁRTIN, 2002, p. 17).

Assim, Golleman (1995), propõe um novo paradigma, onde ocorra uma harmonia entre a cabeça e o coração, ou seja, entre o cérebro pensante, racional e o cérebro emocional. A sintonia emocional é necessária para manter boas relações, pois “sentir e pensar são coisas, portanto, que estão interligadas. As nossas emoções determinam até que ponto podemos tirar partido do nosso

potencial mental.” Portanto o pensamento, característica máxima evolutiva humana, possui o poder de acionar o sistema límbico gerando emoções e determinando a montagem do padrão individual de emoções de cada pessoa, geralmente aprendidas através das relações interpessoais durante toda a sua vida, mas principalmente no período da infância onde ocorre a formação de sua personalidade.

Desta forma, torna-se necessária a educação emocional, que consiste na compreensão das emoções individuais, na percepção dos fatores motivacionais de tais emoções e na análise de como foram adquiridas. Trata-se portanto de uma nova visão educacional que tem como objetivo conhecer o mundo das emoções a fim de proporcionar o bem-estar e conseqüentemente a melhoria de qualidade de vidas das pessoas.

Assim, o entendimento das complexas relações intra e interpessoais do indivíduo é de fundamental importância para o equilíbrio emocional dosado pelo pensamento propiciando sua auto motivação como determinante para seu projeto de vida tanto pessoal quanto profissional. Desta forma,

O indivíduo adquire a Competência Emocional quando torna-se capaz de neutralizar os efeitos corporais das emoções programadas desvitalizantes, extinguir os sistemas de pensamentos geradores destas emoções, especialmente dos condutores, desenvolver a capacidade de sentir, atuar e expressar as emoções inatas conjuntivas e euforizantes. (Aciolly, 1996, p. 113).

## **O EDUCADOR E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**

### **O papel da escola no âmbito emocional.**

Enquanto a aprendizagem oferecida pela escola proporciona atividades de desenvolvimento do pensamento puramente cognitivo, a maior parte do pensamento exigido fora dela requer capacidades muito mais voltadas para a gestão de situações adversas e de pessoas, o que requer a inclusão de um currículo voltado também para o desenvolvimento das múltiplas inteligências, em especial das inteligências intra e interpessoais, as quais são a base para o desenvolvimento da competência emocional do indivíduo. Desta forma, a escola parte de uma visão unitária e uniforme da mente para uma visão muito mais ampla, conceituada por Gardner como uma escola mais humanista, com sua visão centrada no indivíduo, o que envolve todos os âmbitos, não somente o aspecto cognitivo dos alunos.

A escola não pode se limitar a ser exclusivamente um centro de transmissão de conhecimentos sistemáticos voltados tão somente ao desenvolvimento do aspecto cognitivo de seus alunos. É necessário que escola e professores repensem sua prática com relação à importância de promover o ajustamento emocional de seus alunos.

A educação emocional propõe para a escola o papel de espaço educacional multiplicador de pessoas que pensam, de seres que tenham qualidade de vida e saibam gerenciar estes pensamentos, que reflitam antes de reagir, que sejam capazes de colocarem-se no lugar dos outros, enfim, de pessoas que valorizem a vida e portanto que compreendam, expressem e avaliem suas emoções, identificando-as e controlando-as a fim de solucionarem problemas e conflitos surgidos nas mais variadas situações cotidianas de suas vidas, seja no ambiente familiar, escolar, comunidade e no trabalho.

A educação emocional é vital para o aprimoramento humano nos dias atuais e deve ser abraçada pela escola com responsabilidade e seriedade, com bem afirma Antunes (2002, p. 65): “Acreditamos que a capacitação emocional não pode navegar ao sabor da accidentalidade ou sob o impacto do modismo, devendo ser implantada com seriedade e metas a serem atingidas.” Golleman (1995) sugere a inserção de programas de alfabetização emocional nos currículos normais, para que as emoções recebam uma maior atenção por parte dos educadores, tendo o cuidado de respeitar os anseios dos alunos e suas reais necessidades diante do seu meio social. Esta atenção à competência emocional e social dos indivíduos torna-se uma boa medida preventiva para os indicadores do mal-estar da modernidade independente de classe social, tornando-se possível inferir que “Pode-se ensinar competência emocional onde ela se faz mais urgente,” (Golleman, 1995, p. 283). Desta forma, é perfeitamente possível e necessária a inserção de educação emocional no currículo da escola pública cujos alunos são vítimas de constrangimentos causados pela desigualdade social tornando-se alvos da alienação e pressão sociais que poderão causar-lhes sérios colapsos nas relações sociais.

Para Golleman (1995), a aprendizagem do indivíduo envolve o intelecto, mas também a emoção. Por isso a educação emocional deve acontecer concomitante com a aprendizagem ética e moral:

As escolas, observa Etzioni, têm um papel central no cultivo do caráter pela inculcação de autodisciplina e empatia, que por sua vez permitem o verdadeiro compromisso com valores cívicos e morais. Ao fazer isso, não basta pregar valores às crianças; é preciso praticá-los, o que acontece quando as crianças formam as aptidões emocionais e sociais essenciais. Nesse sentido, a alfabetização emocional anda de mãos dadas com a educação para ter caráter, desenvolvimento moral e cidadania. (Golleman, 1995, p. 300).

### **O papel desafiador do ato docente**

A educação é um processo que busca o desenvolvimento das sociedades, da cultura e dos indivíduos em geral e por isso deve atender às necessidades biológicas e sociais dos seres humanos durante toda a sua trajetória de vida. Na condição de ser sociável, o homem no



decorrer deste processo sofre influências diretas do meio em que vive. As mudanças sociais decorrentes do desenvolvimento científico e tecnológico assim como o processo de globalização mundial tem ocasionado mudanças de paradigmas e rupturas de costumes e rotinas da sociedade.

Ao professor são atribuídas diversas obrigações e cobranças sociais, já que presta um serviço essencialmente social e de índole pessoal, devendo ser possuidor de uma série de habilidades e conhecimentos como: capacidade para comunicar-se adequadamente, dominar sua área de ensino, estabelecer bom nível social e afetivo com seus alunos, estar disposto a executar as tarefas concernentes ao seu papel, possuir e estabelecer objetivos e estratégias renovadoras para atingir o objetivo de propiciar uma aprendizagem significativa para seus alunos, perceber o seu aluno, seus problemas e vicissitudes, dentre outros atributos profissionais e pessoais exigidos para a pessoa do professor.

A relação professor – aluno constitui uma dinâmica nova e própria de intensas relações interpessoais, não limitando-se apenas à representação de papéis diferentes. Na relação interpessoal, a percepção e avaliação dos outros possui um alto grau de importância que consiste na elaboração de julgamentos sociais.

A atividade docente é estressante e a precariedade do sistema de ensino brasileiro, em especial, o ensino público é mais um agravante para a saúde emocional do professor, onde a baixa ou nenhuma condição econômica dos alunos, reflexo da péssima distribuição de renda no país, atrelada a problemas sociais como a violência na escola e outros, causam desgastes, frustrações, angústias e auto-cobrança do professor, já que está diretamente ligado a esta situação no seu cotidiano de sala de aula, pois encontra-se em contato constante com essa clientela de alunos possuidores de grandes problemas sociais e desgastes emocionais bastante relevantes.

## **ANÁLISE DO RESULTADO DA PESQUISA**

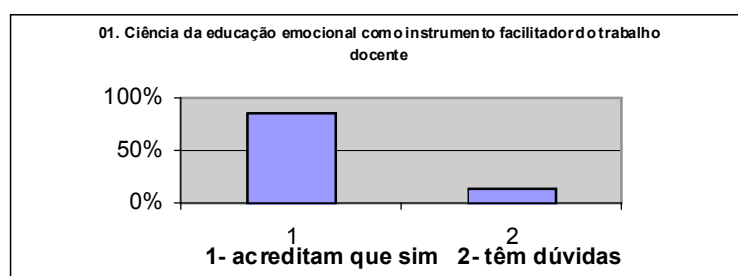
Os resultados apurados pela pesquisa realizada como suporte para a elaboração da presente pesquisa foram obtidos mediante dados coletados através de questionário aplicado junto aos docentes de uma Escola Pública Estadual situada na cidade de Salvador – Bahia – Brasil, a qual, por motivos éticos, denominar-se-á de “Escola X” (grifo nosso).

Apresentar-se-á os dados obtidos junto ao questionário aplicado com os professores contendo informações relacionadas com a atividade docente no âmbito de seu nível de conhecimento sobre Educação Emocional, através de questionamentos como: Os professores têm conhecimento do que seja educação emocional? Acreditam ser necessário conhecer e

desenvolver a competência emocional para o exercício de suas funções? Percebem com facilidade seus próprios sinais emocionais? Estas e outras perguntas visam mostrar que o equilíbrio emocional por parte do educador é de referencial importância para o bom desempenho de suas funções, já que encontram-se diretamente ligadas ao aspecto relacional com outras pessoas.

### Nível de Conhecimento sobre Educação Emocional

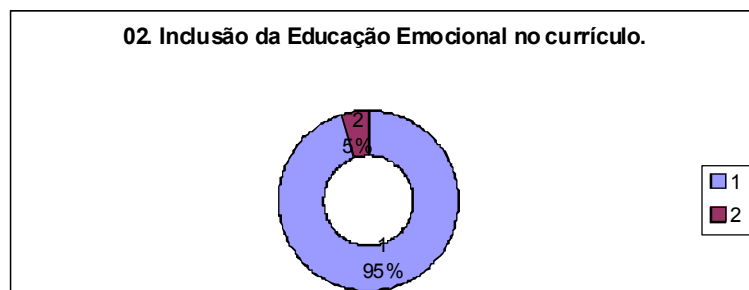
**Gráfico 1** Professores da Escola X segundo a ciência de que o conhecimento da educação emocional pode facilitar o trabalho do professor.



Fonte: Pesquisa realizada no final de 2004

Dos professores entrevistados pode-se perceber que 85% acreditam que os conhecimentos sobre educação emocional podem ajudar o professor à execução da tarefa de ensinar, enquanto que o percentual restante, 15% têm dúvidas, o que caracteriza que, embora em sua maioria desconhecedores dos fundamentos da educação emocional, tendem a aceitação destes conhecimentos.

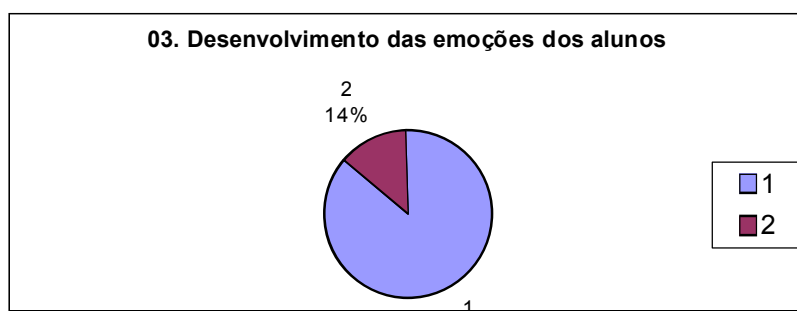
**Gráfico 2** Professores da Escola X segundo a inclusão da Educação Emocional no currículo escolar.



Fonte: Pesquisa realizada no final de 2004

De acordo com o resultado demonstrado pelo Gráfico 03, pode-se inferir que um relevante percentual dos professores entrevistados acredita ser necessária a inclusão de programas de educação emocional no currículo escolar – 95% - Enquanto que apenas 5% do universo entrevistado acredita ser totalmente desnecessária tal inserção. Com base neste resultado, percebe-se o grau de aceitabilidade por grande parte dos docentes de uma aprendizagem integral que não desenvolva apenas o intelecto, mas também a emoção. “Esse novo caminho para levar a alfabetização emocional às escolas insere as emoções e a vida social em seus currículos normais”. (Golleman, 1995, p. 277).

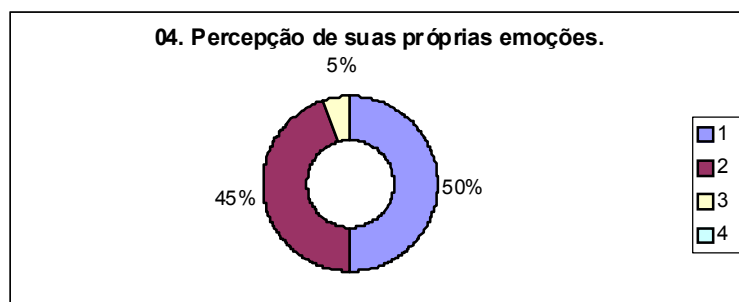
**Gráfico 3** Professores da Escola X segundo o desenvolvimento das emoções dos alunos.



Fonte: Pesquisa realizada no final de 2004

Conforme o Gráfico 04 a maior parte dos professores entrevistados – 86% - demonstram uma preocupação em buscar desenvolver as emoções de seus alunos no ambiente escolar, enquanto que apenas 14% não demonstra nenhum interesse no aspecto emocional de seus alunos, referindo-as apenas ao desenvolvimento cognitivo e intelectual.

**Gráfico 4** Professores da Escola X segundo a percepção de seus próprios sinais emocionais.

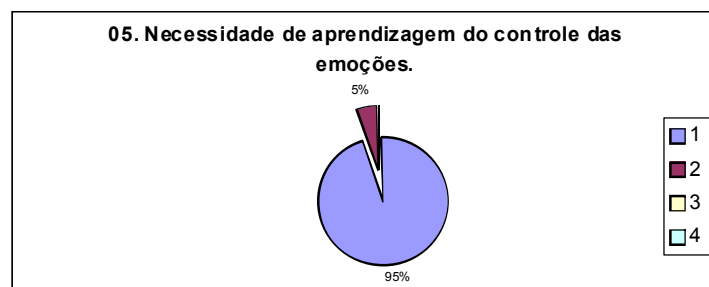


Fonte: Pesquisa realizada no final de 2004

No que se refere à capacidade de perceber suas próprias emoções, 50% dos professores entrevistados afirmam realizar esta percepção às vezes, mediante algumas situações mais intensas; 45% afirma que frequentemente consegue perceber seus próprios sinais emocionais e

5% dos docentes não conseguem perceber em si mesmos as emoções e os sinais que os afetam, o que comprova a necessidade do desenvolvimento da Educação Emocional no professor como “um processo de mudança que requer, de cada indivíduo em particular, a compreensão de suas emoções, motivações dos fatores que as determinam e como foram adquiridas”. (Aciolly, 1996, p. 99).

**Gráfico 5** Professores da Escola X segundo a aprendizagem do controle das emoções.



Fonte: Pesquisa realizada no final de 2004

Dos professores entrevistados 95% concordam haver necessidade de aprendizagem da educação emocional por parte dos professores de escola pública e apenas 5% acredita não ser necessário tal conhecimento. Com base neste resultado, pode-se inferir que a maioria dos profissionais de educação sentem a necessidade de gerenciar suas emoções, desenvolvendo assim seu autoconhecimento e conseqüentemente o conhecimento das emoções de seus alunos, o que tornará a sua função educativa mais prazerosa e menos conflitante consigo mesmo e com os outros, já que, segundo Gardner (2000), a função de professor exige o desenvolvimento das inteligências intra e interpessoais, as quais são a base da Inteligência Emocional. Então “As pessoas com prática emocional bem desenvolvida têm mais probabilidade de se sentirem satisfeitas e de serem eficientes em suas vidas, dominando os hábitos mentais que fomentam sua produtividade.” (Golleman, 1995, p. 49).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados originados da pesquisa desenvolvida entre docentes da escola pública Raymundo de Almeida Gouveia revelaram suas carências em compreender, saber lidar e gerenciar suas próprias emoções e as emoções de seus alunos. Diante desta realidade chegou-se às seguintes conclusões e entendimentos, assim como algumas possíveis sugestões com o objetivo de contribuir para a mudança deste quadro.

Acreditamos que através do trabalho desenvolvido, o Colégio Estadual Raymundo de Almeida Gouveia – CERAG possa desenvolver um programa de educação emocional para seus professores a fim de treiná-los no exercício do autoconhecimento, vivências grupais, desenvolvimento da empatia, percepção e conhecimento das emoções de seus alunos e outras dinâmicas, promovendo assim a otimização da inteligência emocional de todo o corpo docente e discente.

A idéia desse trabalho surgiu quando nos deparamos com a realidade da escola pública no que se refere aos aspectos relacionais entre os próprios professores enquanto colegas e entre professor e aluno. Alguns questionamentos foram levantados através da percepção da dinâmica escolar no sentido de se buscar alternativas para uma possível solução para problemas como violência, sexo prematuro, drogas, abuso sexual, gravidez na adolescência, dentre outros, que estão diretamente vinculados à realidade dos alunos, principalmente na faixa etária da adolescência. Percebemos então a necessidade de se trabalhar a questão emocional com esta clientela, porém, uma questão foi levantada: Como pode o professor da escola pública ensinar e desenvolver as emoções de seus alunos quando ele mesmo não possui esta competência em sua própria vida? Este questionamento nos acompanhou ao longo da realização desse trabalho, e, ao final da pesquisa, constatamos que, diante das circunstâncias profissionais, pessoais e emocionais em que o professor é submetido no seu cotidiano escolar, é mais do que necessário o desenvolvimento de sua competência emocional, pois de posse de um conhecimento profundo de si mesmo, terá como consequência uma melhor auto-aceitação e uma compreensão mais clara do seu semelhante. Será capaz então de manter em alta a sua auto-estima, obtendo uma maior confiança em si próprio e conseqüentemente uma baixa na sua insegurança, assegurando assim uma qualidade de vida mais digna.

## REFERÊNCIAS

- Aciolly, Jessé. Athayde, Angelina de.(1996). *Educação Emocional – O Caminho para a Competência Emocional*. Salvador: Gráfica Santa Helena.
- Antunes, Celso (2000). *As Inteligências Múltiplas e Seus Estímulos*. 6ª edição. Campinas, SP: Papyrus.
- Hollanda, Aurélio Buarque (1997). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Salvador, Ba: Editora Nova Fronteira.
- Chibllil, Faoze (2001). *Mantenha a Calma*. Revista Educação – São Paulo nº 243 ano 28, julho
- Codo, Wanderley (org) (1999). *Educação: Carinho e Trabalho. Burnout: A Síndrome da Resistência do Educador que pode Levar à Falência da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Cury, Augusto.(2001).*Treinando a Emoção para ser Feliz*. São Paulo: Academia de Inteligência.
- Damásio, António (2003). *Ao Encontro de Espinosa. As emoções sociais e a neurologia do sentir*.Portugal: Publicações Europa-América.
- Fazenda, Ivani (org).(1997).*A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento*. 2ª edição. Campinas, SP: Papirus.
- Gardner, Howard.(2000). *Inteligências Múltiplas – A teoria na Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Golleman, Daniel.(1995). *Inteligência Emocional – A Teoria Revolucionária que Redefine o que é ser Inteligente*. 37ª edição. Tradução por Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Mártin, Dóris. Boeck, Karin.(2002). *QE – O que é a Inteligência Emocional – Como Conseguir que as nossas Emoções Determinem o nosso Triunfo em Todas as Situações*. 2ª edição. Tradução por Manuel J. F. Bernardes. Cascais, Portugal.
- Silva, Antonio Carlos Ribeiro da.(2003).*Metodologia da Pesquisa Aplicada à Contabilidade: Orientações de estudos, projetos, relatórios, monografias, dissertações*. São Paulo: Atlas.
- Valle, Edênio. *Educação Emocional*.(1997) 2ª edição. São Paulo: Olho d'Água.
- Estudo Estatístico dos Professores no Brasil*. \_ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Site [www.inep.gov.br/imprensa/noticias/outras/news03-37](http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/outras/news03-37). Acessado em 15 de novembro de 2003.